

***DOIS DIAS, UMA SEMANA, UMA QUINZENA  
UM MÊS INTEIRO, MUITOS MESES  
ALGUNS ANOS***

***Depoimento sobre algumas pesquisas de campo  
praticadas entre 1963 e 2003***

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Este escrito foi originalmente  
um capítulo de livro  
ou um artigo publicado ou utilizado  
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”  
ele pode ser livre  
e gratuitamente acessado  
para ser lido ou utilizado  
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus  
podem de igual maneira  
ser acessados livremente em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)***

***ou em***

***[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)***

***LIVRO LIVRE***

Tem sido um costume, oportuno e crescente, que autores de livros ou artigos sobre teorias e abordagens na pesquisa científica utilizem uma ou mais de uma de suas experiências como exemplos do que descrevem ou defendem. Procedo e seguirei procedendo assim também nos quatro livros desta série sobre a partilha do conhecimento através da prática de alguma modalidade de investigação no campo das ciências humanas. Para oferecer uma visão ao mesmo tempo sumária e ampla e para facilitar a consulta a outros trabalhos, relaciono neste anexo os dados da maior parte das pesquisas de que participei. Ele vale apenas como um roteiro, como uma espécie de mapa de caminho.

Lembro-me de haver dito logo primeiras páginas de ***A pergunta a várias mãos – a experiência da pesquisa no trabalho do educador***, que quase tudo o que está escrito ali guarda uma imediata relação com investigações vividas, partilhadas por mim, ou realizadas por pessoas e grupos de pessoas com quem estive trabalhando em um momento seguinte. Isto vale mais ainda para este segundo volume da série ***Saber com o outro*** e valerá, com mais razões, para os dois últimos. Lembro que preferi tomar o caminho de descrever, comentar e analisar experiências de criação de saberes através de alguma modalidade vivida e pensada de pesquisa científica, ao invés de teorizar e pensar questões de abordagens e de métodos de maneira mais geral e abstrata.

Assim sendo, várias vezes aqui em ***O Meio Grito e outros escritos sobre a pesquisa participante*** e nos volumes seguintes de ***Saber com o Outro***, estarei fazendo referência a pesquisas que realizei por conta própria ou de que participei, ao longo de um período de cerca de quarenta anos, entre o meio e o final dos meus estudos no *Curso de Formação de Psicólogos*, na PUC do Rio (1963) e o presente momento (2003).

De caso pensado quero estabelecer aqui um inventário quase completo de minhas experiências com algum estilo de investigação no âmbito dos campos de estudos em que me vi envolvido ao longo de minha vida de estudante e de professor ou de participante de movimentos sociais. Não será difícil verificar que transito entre locais, instituições, vocações, propósitos e modalidades de pesquisas bastante diferentes. Assim, são rigorosamente experimentais e quantitativas as primeiras, divididas entre os meus anos finais de estudante de Psicologia e os meus primeiros anos de professor em Brasília e em Goiânia. São ainda dotadas de uma prática centrada em números e em tabelas, as primeiras experiências situadas fora do âmbito universitário, tal como vivi as experiências realizadas através dos movimentos de cultura popular dos anos sessenta e dos trabalhos com as comunidades eclesiais de base e dos movimentos populares de antes e de agora.

Entre os meus anos de vida no Planalto Central e as pesquisas realizadas em Minas Gerais e de maneira especial, em São Paulo, quando após 1975 eu já era então um professor do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, o inventário descrito aqui envolve trabalhos teórico-documentais, empírico-quantitativos e fundados em outros estilos francamente etnográficos e fundados na convivência interativa com sujeitos e cenários das pesquisas de campo. O envolvimento com as experiências solidárias da pesquisa participante marca o limite da direção de trabalhos partilhados e com uma origem e um destino não-acadêmico.

Bem de propósito e para enfrentar com exemplos de minha própria vida e de minha prática de pesquisa alguns mitos de alguma vocação mais cientificista, relaciono aqui e tomo como exemplos nos quatro livros da série **saber com o outro** investigações realizadas em situações bastante desiguais, em vários aspectos. Algumas levaram não mais do que dois dias. Outras me obrigaram a idas e vindas ao local de pesquisa durante cerca de seis anos. Algumas duraram o tempo de vida cultural da festa ou do ritual a que, rigorosa e cerimonialmente, se referem. Outras pareciam não ter mais fim.

Algumas delas representam ora breves, ora médios e ora longos tempos de *pesquisa solo*. Experimentei nelas a solidão fecunda e às vezes pesarosa da prática do antropólogo. Do projeto à redação de um relatório final, trabalhei sozinho, algumas vezes sob o olhar de um professor orientador e, em outra, por conta própria. Outras investigações foram experiências de *pesquisas coletivas*. O melhor exemplo delas foram os trabalhos conjuntos vividos ao longo de atividades de sala de aulas e de extensão delas ao mundo social próximo ou menos próximo, em equipes amplas devotadas a um mesmo trabalho, onde procurávamos reduzir ao mínimo a distância que ainda separa o professor de seus alunos. Outras investigações foram as *pesquisas compartilhadas*. Este nome estará reservado aos trabalhos de campo em que uma mesma equipe devotada ao estudo de um mesmo tema, em um mesmo local ou em vários, divide-se entre investigadores solo, pares, trincas ou pequenos grupos dedicados a um aspecto ou a uma dimensão de estudo do universo escolhido para a investigação. Vivi esta modalidade de divisão de trabalho dentro e fora da universidade. Finalmente, outras foram as diferentes formas de *pesquisas participantes* relacionadas aqui e descritas no presente livro.

De algum modo posso dizer que experimentei formas puras de teoria e método de abordagem científica na pesquisa. Mas convivi e sigo convivendo com formas complexas no interior de abordagens que ousam entrelaçar diferentes teorias e métodos de trabalho. Em cada período de meus nunca concluídos aprendizados, estive às voltas com pesquisas típicas da Psicologia Experimental,

da Antropologia Social e da aproximação entre ambas e a Educação. Em alguns primeiros momentos vivenciei investigações junto a pessoas e grupos humanos muito próximos aos estilos de vida meus e de minha família. Em outros estive bem próximo de sujeitos outros, através de quem aprendi mais sobre mim mesmo do que entre os meus quase-iguais de classe e de cultura.

Convivi “no campo” com negros e com homens e mulheres camponeses de Goiás, de São Paulo e de Minas Gerais. Mais tarde, levei o mesmo olhar do antropólogo a comunidades rurais na Galícia, na Espanha. Em algumas poucas pesquisas documentais trabalhei com culturas indígenas e nos últimos tempos tenho procurado chegar a uma síntese nunca alcançável, trazendo as pessoas e os mundos sociais que percorri ao longo destes anos, para um cenário onde a pessoa humana, a vivência da arte e a questão ambiental possam conviver de maneira fecunda e sem sustos. Em suma, de uma maneira diferente à escolha de vários companheiros de ofício, com os quais aprendo até hoje muito devido justamente aos caminhos diferentes que tomamos desde cedo, fiz da integração entre estilos e procedimentos diferentes o campo de meu aprendizado e o lugar simbólico desde onde posso dialogar com os outros, próximos, menos próximos e distantes.

Assim, o que inventario aqui e tomo como exemplos comentados em diversos momentos, constitui um acervo assumidamente múltiplo e diferenciado. Aqui estão exercícios de criação de conhecimento através de pesquisas científicas, militantes e artísticas. Reconhecendo-as diferentes, não estabeleço qualquer desigualdade de valor entre elas. Busquei ser rigoroso e criativamente metódico tanto na investigação de que resultou uma tese de doutorado, quanto na que deu origem a um filme ou a um disco de festas ou cantos de negros. O saber humano tem muitas falas e sensibilidades. Supor que só é legítimo o que procede de alguma teoria consagrada em alguma ciência é uma falácia que os novos olhares sobre o saber nos estão obrigando a corrigir. Tenho desde muito tempo uma grande dificuldade em compreender como algumas pessoas da universidade conseguem ser ao mesmo tempo tão sérias e rigorosas no que fazem e tão pobremente fundamentalistas no que pensam.

Aqui estão relacionadas pesquisas vividas na universidade, com a universidade, fora da universidade e apesar da universidade. Entre as duas primeiras, aqui estão pesquisas realizadas *como* estudante, *com* estudantes, *entre* estudantes e *sem* estudantes. Algumas resultaram em trabalhos escolares de fim-de-curso. Outras, em longos livros ou em artigos científicos apresentados em congressos nacionais e internacionais. Outras, inevitáveis, em dissertações ou teses acadêmicas. Outras, em momentos de um trabalho que não se imagina menos sério e rigoroso por haver sido mais militante e aplicado.

Aqui estão pequenas pesquisas simples, feitas por minha conta e sem ajuda financeira alguma e sem compromissos formais com instituição alguma. Estão também pesquisas partilhadas e patrocinadas por instituições governamentais, quase sempre as do mundo acadêmico, ou por instituições não-governamentais brasileiras ou estrangeiras. Há um pouco de cada situação e há bastante de cada estilo ou vocação.

Relaciono neste inventário quase todas elas. Lembro em cada uma delas o seu título original. Classifico-as de acordo com terminologias que estarão presentes em páginas de ***O Meio Grito e outros escritos sobre a pesquisa participante*** e nas páginas dos dois volumes seguintes da coleção. Indico locais de trabalho, o tempo e a duração aproximada, em alguns casos. Descrevo de maneira sumária os termos de seu acontecimento e, nos casos devidos, indico a fonte de sua publicação.

Quando lembrar alguma delas no correr de algum capítulo deste livro ou dos seguintes, farei a indicação pelo seu número de ordem e pelo nome completo, quando ele for curto, ou pelo nome simplificado, quando longo. Em alguns casos, quando fui mais cuidadoso e não dei fim ao projeto original e ao material de campo, estes documentos poderão ser consultados. Indicarei onde e como, em cada caso.

<b>título original da pesquisa e posição do pesquisador</b>	<b>local, instituição de origem, tempo e duração da pesquisa</b>	<b>estilo ou modalidade dominante da pesquisa</b>	<b>publicação e outros destinos</b>
			6
<b>1. Preconceito racial</b> <i>Estudante do curso de Psicologia da PUCRJ.</i>	<i>Rio de Janeiro, uma das disciplinas do Curso de Formação de Psicólogos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 196X</i>	<i>Este é um típico trabalho de conclusão de curso universitário, nos termos dos anos sessenta. É uma pesquisa solo que toma um tema estudando no curso e o transforma em uma pequena pesquisa experimental nos moldes de uma das ramas praticadas então no Instituto de Psicologia Aplicada da Puc do Rio de Janeiro. Uma pesquisa, portanto, francamente quantitativa. Trabalho de final de curso</i>	<i>nunca publicada</i>
<b>2. Resistência à frustração</b> <i>Estudante concluinte de curso de Psicologia</i>	<i>Rio de Janeiro, pesquisa experimental para elaboração de monografia de conclusão do Curso de Psicologia, segundo semestre de 1969.</i>	<i>Pesquisa solo, acompanhada por professor orientador. Foi o meu trabalho monográfico de conclusão do Curso de Psicologia, e eu escolhi este tema por estar participando de um programa de especialização em “treinamento de sensibilidade”. Um exemplo típico de pesquisa objetiva e controladamente quantitativa de algo que o pesquisador está vivendo pessoalmente.</i>	<i>Publicada em <b>Seis Estudos de Psicologia Social</b> do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás em 197X. Volume mimeografado e de tiragem reduzida.</i>
<b>3. Medos e preocupações em crianças e adolescentes</b> <i>Professor de curso universitário de graduação</i>	<i>Goiânia e Cidade de Goiás, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Um semestre letivo durante o ano de 196X</i>	<i>Pesquisa compartilhada entre professor e seus alunos, como parte integrante do programa de estudos. Foi uma pequena experiência de investigação experimental de Psicologia, em disciplina de Psicologia do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás. Com esta e outras investigações-em-cursos, iniciei uma prática de associação entre pesquisa e docência, logo no começo de minha vida como professor universitário</i>	<i>Incluída na publicação acima citada</i>
<b>4. Estereótipos relativos ao Assistente Social</b> <i>Professor de curso universitário de graduação</i>	<i>Goiânia; Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Goiás; um semestre letivo durante o ano de 196X.</i>	<i>Pesquisa coletiva, com responsabilidades divididas entre o entre professore alunas como parte dos estudos de uma disciplina de Psicologia Social em um curso de Formação de Assistentes Sociais. Mais uma experiência em que uma questão de forte apelo afetivo e intelectual entre as alunas desaguou em uma proposta de realização de uma pesquisa científica. Ainda um trabalho com abordagem científica quantitativa.</i>	
<b>5. A escolha do estilo de residências em Goiânia</b> <i>professor de curso universitário de</i>	<i>Goiânia, Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás, disciplina de Sociologia Urbana em</i>	<i>Trabalho docente e de investigação muito semelhante aos descritos acima. Durante um curso para estudantes de Arquitetura surgiu a idéia de associarmos aos estudos uma pequena investigação empírica sobre</i>	<i>Publicado no mesmo <b>Seis Estudos de Psicologia Social</b>.</i>

<i>universidade pública.</i>		<i>trabalhava como pesquisador do Museu Antropológico da U. Federal de Goiás.</i>	<i>Editora da U. Federal de Goiás.</i>
<b>19. Peões, Pretos e Congos</b> <i>mestrando de Antropologia Social</i>	<i>Mestrado em Antropologia Social na UNB EM 1974.</i>	<i>Esta foi a investigação de campo de minha dissertação de mestrado. Dentro dos procedimentos da tradição da Antropologia Social, o foco da pesquisa recaiu sobre a observação participante, sobre entrevistas e, de maneira complementar, sobre a consulta de documentos locais e a aplicação de questionário.</i>	<i>Publicada segundo as indicações acima.</i>
<b>20. A Festa do Espírito Santo na Casa de São José</b> <i>pesquisador autônomo de universidade pública</i>	<i>Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, em 1975 (conferir)</i>	<i>Esta pesquisa solo, de campo, completa o ciclo de estudos antropológicos a respeito de festas e rituais religiosos em Goiás. Foi, como as outras, realizada durante a semana da Festa, com estudos documentais anteriores e posteriores.</i>	<i>Publicada originalmente no Cadernos do ISER, n. XXX de XXXX. Publicada depois como um dos capítulos de <b>Memória do Sagrado</b>, em 197, (conferir)</i>
<b>21. Plantar, Colher, Comer</b> <i>integrante de equipe de antropólogos investigadores de projeto coletivo financiado por instituições governamentais</i>	<i>Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás; Programa Nacional de Estudos sobre Ideologias e Hábitos de Alimentação no Brasil, sob o patrocínio do XXXXXX e participação do Museu Nacional e do Departamento de Antropologia da UNB.</i>	<i>Eis um dos raros momentos em que me vi integrado em uma ampla equipe de investigadores-solo. Trata-se de um amplo programa de pesquisas de campo, com dois antropólogos coordenadores (Otávio Alves Velho e Klaas Wortmman) liderando vários investigadores cada um deles responsável por uma pesquisa em um locus próprio de diversos estados do Brasil.</i>	<i>A parte de minha pesquisa foi publicada em livro pela Editora Graal em 198X. O relatório das pesquisa em seu conjunto, nunca foi publicado em livro. Foi editado em um dos boletins de Antropologia da UNB</i>
<b>22. A Semana Santa em Pirenópolis – uma semiologia do sentimento</b> <i>pesquisador autônomo de universidade pública</i>			
<b>23. Bichos, Brancos e Negros em Pirenópolis</b> <i>pesquisador autônomo com bolsa de estudos de centro de estudos universitários</i>			
<b>24. Ser Negra no Vale</b> <i>pesquisador convidado para o tratamento dos dados de campo e a elaboração do relatório final</i>			
<b>25. Religião em Monte-Mor</b> <i>pesquisador autônomo e doutorando de ciências sociais e com</i>			

pesquisador autônomo e consultor de projeto de instituição governamental			8
<b>48. Aldeas – escritos e imaxes da galícia tradicional</b> pesquisador autônomo em investigação por conta própria			
<b>49. A Crônica de Ons</b> pesquisador em pós-doutorado com bolsa de instituição governamental			
<b>50. O corpo Coberto de Cores</b> pesquisador autônomo em investigação financiada por instituição governamental estrangeira			
<b>51. Nós, do SEJA</b> participante de equipe de investigação financiada por instituição governamental			
<b>52. De Angicos aos Ausentes</b> participante de equipe de investigação financiada por instituição governamental			
<b>53. O Jardim da Vida</b> pesquisador autônomo em investigação por conta própria			
<b>54. Escrito com o Olho</b> pesquisador autônomo em investigação por conta própria			
<b>55, Biodiversidade Sustentabilidade e</b>			

***Faltante ou sobranete?***

**Santo Antônio dos Olhos D'água**

**Diamantina/Mendanha**

**Ibirité**

**Travessia (heróica) da Mantiqueira no HOSANA**

**Santa Cruz do Rio Abaixo – Mutirão**

***Notas adicionais ao inventário***

***Referência bibliográficas dos trabalhos indicados no inventário***